

Milleny Rodrigues Alves

NTE 20

Livro de poemas.

Quinheticismo.

Texto do Padre José de Anchieta.

"Cordeirinha linda,
Como folga o povo
Porque nossa vinda
Lhe dá lume novo!

Santa padeirinha
morta com cutelo
sem nenhum farelo
é vossa farinha
[...]

[...]

Ela é mezinha
com que sara o povo,
que com vossa vinda
terá trigo novo.

O pão que amassastes
dentro em vosso peito
é o amor perfeito
com que Deus amastes.

Barroco

Texto de Gregório de Matos.

Sonetos a D. Ângela de Sousa Paredes.

"Não vira em minha vida a formosura,
Ouvia falar nela cada dia,
E ouvida me incitav, e me movia
A querer ver tão bela arquitetura:

Ontem a vi por minha desventura
Na cara, no bom ar, na galhardia
De uma mulher, que em Anjo se metia;
De um sol, que se trajava em criatura:
[...]

[...]

Matem-se, disse eu, vendo abrasar-me,
Se esta cousa não é, que encarecer-me
Sabia o mundo, e tanto exagerar-me

Olhos meus, disse então opor defender-me,
Se a beleza heis de ver para matar-me,
Antes olhos cegueis, do que eu perder-me"

Arcadismo

Texto de Cláudio Manuel da Costa.

Vila Rica

"Enfim serás cantada, Vila Rica,
Teu nome alegre notícia, e já clamava;
Viva o senado! Viva!
Repetia
Itamonte, que ao longe
o eco ouvia."

Romantismo

Texto de Castro Alves

Canção do africano (trecho)

[...]

Lá na úmida senzala, Sentado na estreita sala, Junto
ao braseiro, no chão, Entoa o escravo o seu canto, E
ao cantar correm-lhe em pranto Saudades do seu
torrão ... De um lado, uma negra escrava Os olhos no
filho crava, Que tem no colo a embalar... E à meia voz
lá responde Ao canto, e o filhinho esconde, Talvez pra
não o escutar! "Minha terra é lá bem longe, Das
bandas de onde o sol vem; Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!

[...]

Realismo

Texto de Raul Pompéia

O Ateneu (trechos)

[...]

"Afamado por um sistema de nutrida reclame, mantido por um diretor que de tempos em tempos reformava o estabelecimento, pintando-o jeitosamente de novidade, como os negociantes que liquidam para recomeçar com artigos da última remessa..."

"Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado."

[...]

"Num suplício de pequeninas humilhações cruéis, agachado, abatido sob o peso das virtudes alheias mais do que das próprias culpas, exemplar perfeito de depravação oferecido ao horror santo dos puros...

- Nenhum de nós é como ele" - é o alívio dos alunos reunidos à hora em que se lêem os boletins de notas."

[...]

Naturalismo

Texto de Aluísio Azevedo.

O Cortiço (trechos)

“Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo.” “E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.” “Também cantou.

E cada verso que vinha da sua boca de mulata era um arrulhar choroso de pomba no cio. E o Firmo, bêbedo de volúpia, enroscava-se todo ao violão; e o violão e ele gemiam com o mesmo gosto, grunhindo, ganindo, miando, com todas as vozes de bichos sensuais, num desespero de luxúria que penetrava até ao tutano com línguas finíssimas de cobra.” “E devorava-a de beijos violentos, repetidos, quentes, que sufocavam a menina, enchendo-a de espanto e de um instintivo temor, cuja origem a pobrezinha, na sua simplicidade, não podia saber qual era. (...)

Leonie fingia prestar-lhe atenção e nada mais fazia do que afagar-lhe a cintura, as coxas e o colo. Depois, como que distraidamente, começou a desabotoar-lhe o corpinho do vestido”

Parnasianismo

Texto de Olavo Bilac.

Profissão de Fé
(abertura de Poesias)

Torce, aprimora, alteia, Lima
A frase, e enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubi.
Quero que a estrofe cristalina,
Dobrada ao jeito
Do ouvires, saia da oficina
Sem um defeito

.....
Assim procedo. Minha pena
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena forma.

Simbolismo

Texto de Cruz e Sousa.

Ressurreição

“Alma! Que tu não chores e não gemas,
teu amor voltou agora.

Ei-lo que chega das mansões extremas,
lá onde a loucura mora!

Veio mesmo mais belo e estranho, acaso,
desses lívidos países,
mágica flor a rebentar de um vaso
com prodígioas raízes.

Ah! Foi com Deus que tu chegaste, é certo,
com sua graça espontânea

que emigraste das plagas do Deserto
nu, sem sombra e sol, de Insônia!

Pré-Modernismo

Texto de Euclides da Cunha

Os sertões - Soldado Insepulto

“O sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão, e protegido por ela - braços largamente abertos, face volvida para os céus - um soldado descansava.

Descansava ... havia três meses.

Morrera no assalto de 18 de Julho. A corronha da mannlicher estrondada, o cinturão e o boné jogados a uma banda, e a farda em tiras, diziam que sucumbira em luta corpo a corpo com adversário possante.

Caíra, certo, derreando-se à violenta pancada que lhe sulcara a fronte, manchada de uma escara preta.

E, ao enterrar-se, dias depois, os mortos, não fora percebido.

Não compartilha, por isto, a vala comum de menos de um côvado de fundo em que eram jogados, formando pela última vez juntos os companheiros abatidos na batalha. O destino que o removera do lar desprotegido fizera-lhe afinal uma concessão: livrara-o da promiscuidade lúgubre de um fosso repugnante; e deixara-o ali há meses - braços largamente abertos, rosto voltado para os céus, para os sóis ardentes, para os luares claros, para as estrelas fulgurantes..."

Modernismo

Texto de Manuel Bandeira.

Flor de todos os tempos

Dantes, a tua pele sem rugas,
A tua saúde
Escondiam o que era
Tu mesma.

Aquela que balbuciava
Quase inconscientemente:
"Podem entrar",
A que me apertava os dedos
Deseperadamente
Com medo de morrer.

A menina.

O anjo.

A flor de todos os tempos.

A que não morrerá nunca.